



**EXPECTATIVAS
DOS EMPRESÁRIOS
AGRÍCOLAS**

Maria do Socorro Rosário

1997-1999

**Informação produzida
a partir de um painel
de produtores**

CARACTERIZAÇÃO DAS EXPECTATIVAS DOS EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS PORTUGUESES-1997

1.Introdução

A identificação e caracterização das expectativas dos agentes económicos num dado momento, o acompanhamento da forma como estas evoluem no tempo e se distribuem no espaço constituem elementos de referência importantes para a tomada de decisões na esfera da política económica. As expectativas dos decisores determinam fortemente muitas das escolhas tomadas, mesmo quando a estas são adicionados elementos de decisão mais objectivos. De reduzido âmbito se revestirá, por exemplo, uma política de apoio aos investimentos aberta à generalidade dos produtores, quando apenas alguns deles visualizam um horizonte optimista para o enquadramento global da sua actividade.

Para o caso agrícola, a situação geral é semelhante ao que foi referido no documento anterior. No entanto há que incluir esta informação.

Neste trabalho são apresentados alguns resultados de uma iniciativa tomada no quadro da Rede de Informação de Contabilidades Agrícolas (RICA) nacional. O sistema de informação RICA é, basicamente, constituído por um painel de pouco mais de 3 300 empresas representativas de cerca de 95% da produção agrícola nacional e da fracção de produtores por ela responsável.

Neste documento são ser apresentados alguns resultados da iniciativa tomada, nos aspectos que se prendem com as principais variáveis de médio prazo trabalhadas.

Os melhores agradecimentos às equipas regionais das DRA's, pela recolha de informação, assim como a todos que, nos serviços centrais, participaram de diversas maneiras para a realização deste trabalho.

2. Metodologia

A informação obtida relativamente às expectativas de médio prazo em 1996/97, decorreu de entrevistas directas e pessoais a 1606 produtores que integram o painel de explorações agrícolas da RICA, que se realizaram ao longo dos meses de Outubro e Novembro de 1996. Foram abordadas questões que se prendem com as intenções de investimento, a caracterização das estratégias definidas para a empresa e a perspectiva dos empresários relativamente ao seu enquadramento profissional no momento e a médio prazo (3 anos). Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas respectivas, designadamente a Idade do Produtor, a Superfície Agrícola Útil da exploração, a sua Dimensão Económica, o Nível de Rendibilidade da empresa e a sua Orientação Produtiva e, finalmente, a Região Agrária na qual está localizada a unidade observada.

As 1 606 observações trabalhadas distribuem-se, segundo os critérios referidos, da forma apresentada no Quadro 2.1.

Quadro 2.1 - Distribuição das observações do “Painel Expectativas” segundo principais características

Classes: Região Agrária

	nº exp.	%
E. Douro e Minho	242	15
Trás os Montes	118	7
Beira Litoral	181	11
Beira Interior	135	8
Ribatejo e Oeste	404	25
Alentejo	256	16
Algarve	44	3
Madeira	77	5
Açores	149	9
TOTAL	1606	100

Classes: Orientação

	nº exp.	%
Grandes Culturas	156	10
Horticultura	193	12
Cult. permanentes	363	23
Bovinos	313	19
Ovinos	150	9
Policultura	176	11
Agro-pecuária	225	14
Pecuária sem terra	30	2
TOTAL	1606	100

Classes: Dimensão Económica

	nº exp.	%
<4 UDE	226	14
4 a <8 UDE	331	21
8 a < 16 UDE	482	30
16 a < 40 UDE	421	26
>= 40 UDE	146	9
TOTAL	1606	100

Classes: Nível de Rendibilidade

	nº exp.	%
<= 0.5	372	23
0.5 a <=0.9	674	42
>0.9	560	35
TOTAL	1606	100

Classes: IDADE

	nº exp.	%
<= 40 anos	498	31
40 a <=50 anos	391	24
50 a <=60 anos	319	20
> 60 anos	398	25
TOTAL	1606	100

	nº exp.	%
<= 5 SAU	514	32
5 a <=20 SAU	649	40
20 a <=50 SAU	225	14
> 50 SAU	218	14
TOTAL	1606	100

A distribuição do painel por Região Agrária, que, para além das intenções traçadas no seu delineamento, reflecte a aderência das estruturas regionais a esta iniciativa de trabalho, denota algumas imperfeições, havendo regiões com representação bastante desigual, provocando assim uma sobre-representação relativa da agricultura do Sul do

Continente, proveniente das regiões de Ribatejo e Oeste e do Alentejo, como também das regiões autónomas da Madeira e dos Açores. As regiões mais carenciadas na representação são fundamentalmente Trás os Montes e Beira Litoral, com a ausência de cerca de metade dos potenciais inquiridos, assim como também Entre Douro e Minho e Algarve, mas com uma falta de apenas 25% de empresas seleccionadas. Esta situação, irá também reflectir nas outras variáveis em questão, onde a especificidade das explorações em falta, pertencentes a estas regiões, manifestar-se-á no desequilíbrio dos pesos relativos dos diferentes quadros em estudo.

A distribuição das empresas por Orientação Produtiva denota um cuidado de representação das orientações produtivas mais especializadas (embora com algumas reservas no peso relativo entre classes), designadamente na Hortofloricultura, Bovinos e Ovinos. Estas três Orientações, estão com uma percentagem relativa acrescida, devido à concentração desse tipo de Orientações nas regiões que deram de melhor maneira o seu contributo, como é o caso do Ribatejo e Oeste para a Horticultura, dos Açores para a Bovinicultura e do Alentejo para os Ovinos. Nota-se que as orientações de Policultura e Agro-pecuária se encontram bastante carenciadas,(cerca de 50%), e que são uma característica das regiões do Norte.

No que diz respeito à dimensão económica da actividade das empresas, verifica-se uma concentração dos efectivos nas classes de dimensão centrais, com apenas 14% das observações incluídas na classe de menos de 4 UDE e 9% na classe de dimensão económica superior (mais de 40 UDE). A pequena contribuição na classe de menos de 4 UDE, reflecte a não participação de explorações bem demarcadas, quer devido à sua situação geográfica, quer devido à sua orientação técnica, originando uma sobrevalorização das empresas com UDE de grandeza superior.

No que se refere à distribuição do painel pelos três níveis de Rendibilidade das empresas, verifica-se que 42% da amostra situa-se na classe central de Rendibilidade - que traduz reduzidos níveis de rendimento -, pertencendo 23% das observações à classe não-rendível de empresas e 35% ao conjunto de classes de Rendibilidade aceitável-alta.

A amostra trabalhada contém uma representação relativamente uniforme dos diferentes grupos etários considerados, variando de 45% dos efectivos na classes de 50 a 60 anos e mais de 60, até um máximo de 31% das observações no grupo etário de menos de 40 anos.

Cerca de 72% das observações são constituídas por empresas com menos de 20 ha de Superfície Agrícola Útil, integrando o painel constituído 14% de empresas quer com mais de 20 a 50 ha, quer com mais de 50 ha de área agrícola.

São apresentados neste documento apenas os resultados dos “cruzamentos” entre as diversas variáveis mencionadas.

3.Resultados

3.1- As intenções de modificação do actual sistema de produção

Quanto à intenção de modificação do actual sistema de produção no ano agrícola que decorre, as respostas obtidas foram agregadas reflectindo os principais tipos de orientação, seja a diminuição, o aumento e a manutenção do actual sistema de produção, relativamente às quais foram apurados os valores de 3.4%, 12.7% e 83.9% dos inquiridos, respectivamente. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo para a generalidade dos sistemas produtivos; contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção seja no da expansão dos actuais sistemas produtivos.

As intenções de manutenção dos sistemas produtivos distribuem-se por todas as regiões. Em Trás os Montes, porém, identificaram-se 21 explorações a pretender fazer crescer algum aspecto significativo da actividade actualmente desenvolvida e nenhuma empresa pretende retrair a sua actividade. No Algarve, a relação entre o número de empresas que pretendem alterar de alguma maneira a sua exploração e os que tencionam a sua retração, é de 9 vezes. Sucessivamente, o Alentejo com 5, as Beiras Interior e Litoral com 4, Ribatejo e Oeste com 3 e nas restantes, Açores, Entre Douro e Minho e Madeira, esta relação entre a expansão e retracção, assumem o menor valor, obtendo-se apenas duas empresas em expansão por cada sistema em retracção.

Quadro 3.1.1-Estratégias de curto prazo por Classe Etária

CLASSE ETÁRIA	DIMINUIÇÃO		S/ALTERAÇÃO		AUMENTO		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	19	34.5	392	29.1	87	42.6	498	31.0
40 a <=50 ANOS	7	12.7	340	25.2	44	21.6	391	24.3
50 a <=60 ANOS	13	23.6	269	20.0	37	18.1	319	19.9
> 60 ANOS	16	29.1	346	25.7	36	17.6	398	24.8
TOTAL	55	100	1347	100	204	100	1606	100

As intenções de modificação dos sistemas diferem de acordo com a classe etária dos empresários. O grupo com menos de 40 anos apresenta uma forte tendência para o desenvolvimento do sistema de produção (17.5% dos empresários inquiridos dessa classe). Note-se que o grupo formado com idade superior a 50 anos, é aquele que mais contribui para a diminuição do sistema de produção, com cerca de 53%.

Os valores da relação entre as intenções de aumento com as de diminuição por classe etária demonstram que a intenção de modificação é bastante mais forte nas classes mais jovens (cerca de 4.6 vezes superior na classe de menos de 40 anos, e de 6.3 na classe compreendida entre 40 e 50 anos, baixando para apenas 2.8 na classe dos 50 a 60 anos, voltando a descer para 2.3 vezes na classe com idade superior a 60 anos).

Quadro 3.1.2-Estratégias de curto prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

DIMENSÃO FÍSICA (SAU)	DIMINUIÇÃO		S/ALTERAÇÃO		AUMENTO		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 5 ha	13	23.6	462	34.3	39	19.1	514	32.0
5 a <=20 ha	27	49.1	537	39.9	85	41.7	649	40.4
20 a <=50 ha	6	10.9	187	13.9	32	15.7	225	14.0
> 50 ha	9	16.4	161	12.0	48	23.5	218	13.6
TOTAL	55	100	1347	100	204	100	1606	100

Em termos de área agrícola, as intenções de modificação concentram-se na classe de superior a 5 a 20 ha de SAU, no sentido do aumento; neste último caso é, também, assinalável a classe de mais de 50 ha de SAU, com 24%. A diminuição atinge mais as classes de 5 a 20 ha e também com menos de 5 ha.

No entanto, quando observada a relação entre os extremos, verifica-se que há um aumento progressivo do número de empresários com intenções de ampliação do sistema de produção relativamente aos que declararam intenções de retracção, com cerca de 3, para as duas classes de menor dimensão física e 5.3 para as outras duas com SAU superior a 20 ha. Ou seja, a expansão dos sistemas produtivos é uma opção bastante mais frequente nas médias/grandes empresas do que nas de pequena dimensão.

Esta relação é diferente conforme a orientação produtiva das empresas, sendo assinalável a orientação declarada pelo responsáveis por empresas de Horticultura e nas predominantemente orientadas para Policultura, Bovinos, Ovinos e Culturas Permanentes, nas quais a tendência para a expansão é mais forte do que a retracção (com 9.0, 6.0, 4.6 e 3.9, -nas últimas duas orientações-, valores obtidos para a relação entre as empresas em expansão por cada em retracção, respectivamente). Verifica-se que nas empresas predominantemente orientadas para Grandes Culturas e Agro-pecuárias, a tendência de aumento da exploração é mais reduzida, assumindo esta relação valores de 3.0 e 2.4 respectivamente. Na Pecuária sem terra denota-se o inverso, por cada empresa em expansão, há duas que tencionam retrair.

Quadro 3.1.3- Estratégias de curto prazo por classe de Orientação Produtiva (OTE)

ORIENTAÇÃO PRODUTIVA	DIMINUIÇÃO		S/ALTERAÇÃO		AUMENTO		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
Grandes Culturas	8	14.5	124	9.2	24	11.8	156	9.7
Horticultura	2	3.6	173	12.8	18	8.8	193	12.0
Cult. Permanentes	13	23.6	299	22.2	51	25.0	363	22.6
Bovinos	9	16.4	262	19.5	42	20.6	313	19.5
Ovinos	7	12.7	116	8.6	27	13.2	150	9.3
Policultura	2	3.6	162	12.0	12	5.9	176	11.0
Agro-pecuária	12	21.8	184	13.7	29	14.2	225	14.0
Pecuária sem terra	2	3.6	27	2.0	1	0.5	30	1.9
TOTAL	55	100	1347	100	204	100	1606	100

Relativamente à Dimensão Económica da actividade das empresas verifica-se que a classe com as explorações com mais de 16 e menos de 40 UDE são as mais susceptíveis de modificações no sentido do aumento do sistema (atingindo-se valores de 36.3% das observações a declararem intenções de aumento do sistema a curto prazo). E é na mesma classe que por cada empresa em retracção identificaram-se 7.4 em expansão, valor que é de igualdade nas empresas de actividade económica de reduzida dimensão, menos de 4 UDE.

Quadro 3.1.4-Estratégia a curto prazo por Classes de Dimensão Económica(UDE)

Classes: UDE	DIMINUIÇÃO		S/ALTERAÇÃO		AUMENTO		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<4 UDE	11	20.0	204	15.1	11	5.4	226	14.1
4 a <8 UDE	8	14.5	292	21.7	31	15.2	331	20.6
8 a < 16 UDE	19	34.5	405	30.1	58	28.4	482	30.0
16 a < 40 UDE	10	18.2	337	25.0	74	36.3	421	26.2
>= 40 UDE	7	12.7	109	8.1	30	14.7	146	9.1
TOTAL	55	100	1347	100	204	100	1606	100

As intenções de modificação distinguem-se quando se consideram diversos níveis de Rendibilidade das empresas. A decomposição dos inquiridos por nível de Rendibilidade reflecte as opções tomadas, seja para aumentos na classe de maior nível de Rendibilidade, seja a manutenção do sistema de produção com tendência a retrainr na classe com menor nível de Rendibilidade (ver Quadro 3.1.5).

Quadro 3.1.5- Estratégias de curto prazo por Nível de Rendibilidade

NÍVEL DE RENDIBILIDADE	DIMINUIÇÃO		S/ALTERAÇÃO		AUMENTO		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
< = 0.5	18	32.7	330	24.5	24	11.8	372	23.2
0.5 a <=0.9	20	36.4	567	42.1	87	42.6	674	42.0
>0.9	17	30.9	450	33.4	93	45.6	560	34.9
TOTAL	55	100	1347	100	204	100	1606	100

A relação entre as intenções de aumento e as de diminuição mostra-nos que quanto maior o nível de Rendibilidade, maior a predisposição para o aumento do sistema produtivo, observando-se valores na ordem de 1.3, 4.4 e 5.5 o número de empresas em expansão por cada uma que declarou intenções de retracção da actividade, considerando o nível crescente de nível de Rendibilidade obtido em anos anteriores.

3.2- O sentido das estratégias de médio prazo

O sentido imprimido a médio prazo para a exploração agrícola, foi retratado através de três principais opções, designadamente, a manutenção, a expansão e a retracção dos sistemas, tendo, cada uma delas, atingido globalmente valores de 81.9%, 12.4% e 5.7%, respectivamente.

Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase que uniforme por todas as regiões trabalhadas. Embora nas diversas regiões a estratégia predominante seja a da manutenção da actividade da empresa, verifica-se que no Ribatejo e Oeste, Entre Douro e Minho e Beira Litoral existe uma mais forte incidência das opções de retracção a médio prazo da actividade das empresas, retracção essa já implantada na região do Algarve.

Algumas regiões distinguem-se relativamente ao peso relativo da expansão face às intenções de retracção, designadamente, Alentejo e Trás os Montes, esta relação assume os valores mais elevados(3.0 e 2.9 empresas em expansão por cada em retracção), seguidas de Beira Interior, o Ribatejo e Oeste, os Açores e Madeira com 2.6, 2.5, 2.3 e 2.0, e, finalmente, a Beira Litoral e o Entre-Douro e Minho com apenas 1.5 empresas em expansão por cada uma que declarou intenções de retracção. No Algarve verifica-se o inverso, a retracção é maior que a expansão sendo essa relação de 1.5.

Considerando a decomposição das estratégias identificadas por Classe Etária verifica-se que a retracção é a opção de 54% dos empresários com mais de 50 anos; por outro lado, no grupo formado por empresários com idade menor ou igual a 40 anos, 41% pretende, a médio prazo, concretizar uma estratégia de aumento sensível do actual sistema de produção.

Quadro 3.2.1- Estratégias de médio prazo por Classes Etária

GRUPO ETÁRIO	RETRACÇÃO		MANUTENÇÃO		EXPANSÃO		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	26	28.3	390	29.7	82	41.2	498	31.0
40 a <=50 ANOS	16	17.4	323	24.6	52	26.1	391	24.3
50 a <=60 ANOS	23	25.0	265	20.2	31	15.6	319	19.9
> 60 ANOS	27	29.3	337	25.6	34	17.1	398	24.8
TOTAL	92	100	1315	100	199	100	1606	100

É com valores relativamente superiores, (3.3 vezes mais) que a classe de 40 a 50 anos pretende expandir a empresa, seguidos da classe mais jovem com 3.2 e as outras duas classes com apenas 1.4 e 1.3 vezes respectivamente.

Os apuramentos por classe de SAU indicam que a retracção encontra-se concentrada nas empresas com menos de 5 ha de SAU (cerca de 37% dos empresários consultados que pretendem retrair); por seu lado, a expansão concentra-se, tendencialmente, na classe entre 5 e 20 ha de SAU, cerca de 48%, seguida da classe de 20 a 50 ha de SAU, com 19%.

Em cada uma das classes de dimensão consideradas a relação entre as intenções de expansão e as de retracção são cerca de 3 a 4 vezes superior com excepção da classe de menos de 5 ha onde há inversão, apesar de ligeira, com 34 empresas a retrair para 30 a expandir.

Relativamente às orientações produtivas, os dados trabalhados sugerem-nos que as empresas predominantemente orientadas para Culturas Permanentes representam cerca de 33% nas opções de expansão, sendo de salientar que as empresas de Ovinicultura, apresentem valores também altos nas opções de expansão. Na retracção, as empresas referentes à orientação de Agro-Pecuária apresentam valores de cerca de 21%.

Quadro 3.2.2- Estratégia de médio prazo por Orientação Produtiva

ORIENTAÇÃO	RETRACÇÃO		MANUTENÇÃO		EXPANSÃO		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
PRODUTIVA								
Grandes Culturas	10	10.9	126	9.6	20	10.1	156	9.7
Horticultura	11	12.0	170	12.9	12	6.0	193	12.0
Cult. Permanentes	21	22.8	276	21.0	66	33.2	363	22.6
Bovinos	14	15.2	261	19.8	38	19.1	313	19.5
Ovinos	7	7.6	122	9.3	21	10.6	150	9.3
Policultura	8	8.7	149	11.3	19	9.5	176	11.0
Agro-pecuária	19	20.7	185	14.1	21	10.6	225	14.0
Pecuária sem terra	2	2.2	26	2.0	2	1.0	30	1.9
TOTAL	92	100	1315	100	199	100	1606	100

Verifica-se que nas orientações de Culturas Permanentes, Ovinos e Bovinos as opções de expansão possuem mais expressão, com valores de cerca de 3 vezes superiores à retracção. As orientações produtivas como Policultura e Grandes Culturas, posicionam-se com valores de apenas 2 empresas em expansão por cada uma que declarou intenções de retracção. As restantes orientações manifestam uma igualdade de intenções.

Quando observado pela Dimensão Económica, a retracção verifica-se na classe de menor UDE. As restantes classes pretendem expandir crescendo com o aumento da UDE, atingindo o seu máximo com 4.4 vezes superior à retracção na classe de mais de 16 e menos de 40 UDE.

Quadro 3.2.3 - Estratégias de médio prazo por Níveis de Rendibilidade

NÍVEL DE RENDIBILIDADE	RETRACÇÃO		MANUTENÇÃO		EXPANSÃO		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 0.5	29	31.5	327	24.9	16	8.0	372	23.2
0.5 a <=0.9	41	44.6	556	42.3	77	38.7	674	42.0
>0.9	22	23.9	432	32.9	106	53.3	560	34.9
TOTAL	92	100	1315	100	199	100	1606	100

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, tal como a curto prazo, as empresas mais rendíveis possuem maior apetência para a expansão dos sistemas produtivos do que as que, em anos anteriores, obtiveram menores resultados.

Por cada empresa em retracção observaram-se 1.9 e 4.8 empresas em expansão, ao se considerarem os dois níveis de Rendibilidade por ordem crescente, pois o nível de Rendibilidade mais baixo a situação é inversa, por cada empresa que expande, há 1.8 empresas que retraem.

3.3-A busca de rendimentos complementares

Auscultou-se qual a intenção de obtenção de novas fontes de rendimentos (não agrícolas) ou de reforço dos já existentes, diferenciando-se os obtidos de forma exterior à empresas dos que nela são realizados internamente.

Cerca de 86.4% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 11.8% dos empresários pretendem recorrer a fontes externas à exploração; apenas 1.8% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

Este tipo de opção diferencia-se ligeiramente conforme a localização das empresas. Nas regiões do Ribatejo e Oeste, Entre Douro e Minho e nas Beiras são mais procuradas fontes externas de rendimento complementar, enquanto que em Trás os Montes são mais frequentes os casos de busca de fontes alternativas dentro da própria empresa.

É no Algarve que só se procura o rendimento exterior à empresa agrícola. Na Beira Interior as empresas que pretendem recorrer ao rendimento proveniente do exterior é de 13 vezes superior aos que não admitem tal hipótese, seguida do Ribatejo e Oeste, que atinge valores 11 vezes superiores, como também as outras regiões como no Minho e Alentejo com 8 e 5, respectivamente, e as restantes regiões apresentam valores sempre inferiores a 5.

A procura de rendimentos complementares por classes de idade indica-nos a preferência das opções internas na empresa pelo grupo com idade inferior aos 60 anos. O grupo mais jovem, tendencialmente, procura rendimentos complementares, com valores superiores a 35% para ambas as situações.

Quadro 3.3.1 - Rendimentos complementares por Classe Etária

GRUPO ETÁRIO	EXTERIOR		APENAS ACT. AGRÍCOLA		INTERIOR		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	79	41.6	409	29.5	10	34.5	498	31.0
40 a <=50 ANOS	62	32.6	321	23.1	8	27.6	391	24.3
50 a <=60 ANOS	24	12.6	288	20.8	7	24.1	319	19.9
> 60 ANOS	25	13.2	369	26.6	4	13.8	398	24.8
TOTAL	190	100	1387	100	29	100	1606	100

São os dois grupos mais jovens que procuram, de forma mais intensa, rendimentos

fora da empresa, verificando-se que 8 vezes mais produtores pretendem obter rendimentos fora da exploração do que os que declaram pretender fazê-lo dentro da empresa; a classe de 50 a 60 anos apenas atinge 3 vezes e na classe seguinte o dobro.

A procura de rendimentos complementares, quando analisada por classes de SAU, indica uma maior frequência deste fenómeno nas classes de dimensão pequena/média, com a classe de menos de 5 ha de SAU, com 40% dos produtores inquiridos pretendendo obter rendimentos fora da empresa. Porém, é na classe de 5 a 20 ha de SAU, que 55% dos produtores estão abertos à busca de rendimentos complementares dentro da própria exploração.

Na classe de pequena dimensão (até 5 ha de SAU) a busca de rendimentos externos é 19 vezes superior das soluções internas, na classe de área seguinte este valor é de apenas 5, voltando a aumentar para 7 e diminuindo este valor para 3 na classe de maior dimensão.

Quadro 3.3.2- Rendimentos complementares por classe de área (SAU)

DIMENSÃO FÍSICA (SAU)	EXTERIOR		APENAS ACT. AGRÍCOLA		INTERIOR		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 5 ha	76	40.0	434	31.3	4	13.8	514	32.0
5 a <=20 ha	72	37.9	561	40.4	16	55.2	649	40.4
20 a <=50 ha	29	15.3	192	13.8	4	13.8	225	13.6
> 50 ha	13	6.8	200	14.4	5	17.2	218	13.6
TOTAL	190	100	1387	100	29	100	1606	100

Quando analisadas as intenções de busca de rendimentos complementares por orientação produtiva (OTE), verificou-se uma maior frequência deste fenómeno nos sistemas produtivos de Culturas Permanentes (quer no que diz respeito a rendimentos exteriores à exploração, quer nos rendimentos internos).

É nas explorações de Policultura e de Pecuária sem Terra onde só se atingem valores relativos à procura de rendimentos não agrícolas no exterior. A relação entre a procura de rendimentos fora e dentro da empresa dá-nos valores de 13 vezes mais para a Horticultura, seguido das Grandes Culturas, com 11 vezes. Em seguida figuram as orientações de Culturas Permanentes e Ovinos com 6 vezes. Os sistemas restantes apresentam valores menos relevantes para este tipo de opção para aumento de rendimento.

Por classe de Dimensão económica verifica-se que é mais pretendido nas classes de menor dimensão, até 8 UDE, a recolha de rendimentos exteriores à empresa, com valores de cerca de 10 vezes superiores em relação aos que vão procurar dentro da empresa

A busca de rendimentos complementares à actividade agrícola propriamente dita diminui claramente com o aumento do nível de Rendibilidade das empresas, na relação entre fora e dentro da empresa, com valores de 14.5, 5.4 e 5 vezes respectivamente nas três classes de Rendibilidade. Mas em termos de frequência, ela é bastante acentuada no grupo intermédio, nas duas direcções, com 55% para a busca dentro da empresa e de 46% para o exterior.

3.4- Conjuntura agrícola em 1997

A questão foi posta nos seguintes termos: como considera o ano agrícola de 1997 em

relação ao ano de 1996? Optou-se por uma pergunta com resposta dita fechada, prevendo as opções “pior”, “igual” e “melhor”. Globalmente foram apurados os valores de 39%, 47.1% e 13.9%, respectivamente, o que denota uma tendência relativamente pessimista para a generalidade dos produtores inquiridos.

É de salientar que no Algarve não há empresários otimistas. No Alentejo, há uma relação muito próxima entre o número de empresas que estão otimistas ou pessimistas, de 75 para 69 empresas. É no Ribatejo e Oeste, que a mesma percentagem, 26%, considera pior, cerca de 161 empresários, e 193 consideram-no igual a 1996. No que diz respeito às expectativas mais otimistas, será de referir uma concentração significativa das respostas no Alentejo (69 explorações, 31%).

Dentro de cada região, a relação entre o pessimismo e o optimismo coloca a Madeira à frente do conjunto das regiões trabalhadas (com 6.5 empresários pessimistas por cada optimista), seguido dos Açores e Entre Douro e Minho com cerca de 4; As Beiras, Trás os Montes e Ribatejo e Oeste com cerca de 3 vezes e o Alentejo como já foi referido com 1.1 pessimista para uma optimista.

Quadro 3.4.1 - O ano de 1997 relativamente ao de 1996, por Região Agrária

Região Agrária	Pior %	Igual %	Melhor %
Entre-Douro e Minho	42	46	12
Trás-os-Montes	23	69	8
Beira Litoral	46	40	14
Beira Interior	40	47	13
Ribatejo e Oeste	40	48	12
Alentejo	29	44	27
Algarve	32	68	0
R. A. da Madeira	50	42	8
R. A. dos Açores	48	40	12

Relativamente aos diferentes grupos etários considerados neste estudo verifica-se um pessimismo generalizado, sendo de realçar um relativo optimismo na classe com mais de 60 anos.

Quadro 3.4.2- O ano de 1997 relativamente ao de 1996, por Grupo Etário

GRUPO ETÁRIO	PIOR		IGUAL		MELHOR		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	193	30.8	244	49.0	61	27.4	498	31.0
40 a <=50 ANOS	162	25.8	179	23.7	50	22.4	391	24.3
50 a <=60 ANOS	124	19.8	152	20.1	43	19.3	319	19.9
> 60 ANOS	148	23.6	181	23.9	69	30.9	398	24.8
TOTAL	627	100	756	100	223	100	1606	100

A relação entre o número de empresários pessimistas e otimistas é relativamente mais elevada nos grupos com menos de 50 anos, com 3.2, enquanto que a classe de 50 a 60 anos é de 2.9; a classe de mais de 60 anos situa-se nos 2.1, com o menor pessimismo.

Em relação às classes de SAU, o optimismo é encontrado com maior frequência na

classe de 5 a 20 ha e de maior SAU, o pessimismo situa-se também na classe de 5 a 20 ha. A razão entre os dois extremos, de pior e de melhor, cresce à medida que aumenta a classe de SAU, de 3.3 para 3.4, até 3.9. Na classe de maior SAU o pessimismo diminui, atingindo apenas 1.2 vezes, representando 72 empresas que consideram pior para 61 que prevêem melhorias.

Quadro 3.4.3 - O ano de 1997 relativamente ao de 1996, por Orientação Produtiva

Classes: OTE	PIOR		IGUAL		MELHOR		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
Grandes Culturas	74	11.8	63	8.3	19	8.5	156	9.7
Horticultura	63	10.0	107	14.2	23	10.3	193	12.0
Cult. Permanentes	139	22.2	185	24.5	39	17.5	363	22.6
Bovinos	151	24.1	120	15.9	42	18.8	313	19.5
Ovinos	45	7.2	81	10.7	24	10.8	150	9.3
Policultura	63	10.0	92	12.2	21	9.4	176	11.0
Agro-pecuária	84	13.4	95	12.6	46	20.6	225	14.0
Pecuária sem terra	8	1.3	13	1.7	9	4.0	30	1.9
TOTAL	627	100	756	100	223	100	1606	100

Na decomposição da amostra por orientação produtiva verifica-se que as empresas orientadas para as Culturas Permanentes consideram o ano de 1997 semelhante ao de 1996, cerca de 25%. À data do inquérito, consideraram melhor que o ano passado, 21% das empresas com orientação para a Agro-pecuária. Cerca de 1/2 das empresas apresentadas com orientação para Bovinos considera o ano de 1997 pior que de 1996, e são também essas empresas que com 24%, participam na penalização do ano de 1997.

A relação entre pior e melhor relativamente aos anos de referência, nas classes de OTE mostram-nos que nas especializações de Grandes Culturas, a situação é considerada menos favorável (com 3.9 pessimistas para um optimista), seguidas dos Bovinos e das Culturas Permanentes, com 3.6. A Policultura e a Horticultura obtêm um valor mais baixo, com cerca de 3 vezes, e os Ovinos e a Agro-pecuária apresentam valores de cerca de 2 vezes. A Pecuária sem terra, é a única OTE que tem valores inferiores à unidade, com 0.8, isto é, apesar de ligeiro, o ano de 1997 parece ser melhor que o ano anterior.

Dentro das classes de UDE, o ano de 97 é considerado relativamente melhor nas classes de 4 a 8 UDE e de mais de 40 UDE. O pessimismo é proveniente com maior incidência, das classes entre 8 a 40 UDE.

Relativamente aos níveis de Rendibilidade das empresas, a comparação do ano agrícola de 1997 com o ano de 1996 não difere de forma significativa nas diferentes classes consideradas.

3.5- A situação profissional do agricultor daqui a 2/3 anos

Quando questionados sobre a perspectiva da vida profissional nos próximos 2/3 anos, (com as opções de resposta de “pior”, “igual” e “melhor”), 59% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 29% consideraram que o quadro geral irá manter-se e, apenas, 12% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro. Ou seja, estes resultados, quando comparados com os da questão anterior denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista já referida para o corrente ano.

Nas regiões de Alentejo e Ribatejo e Oeste obtiveram-se os resultados mais pessimistas, com 17% e 25% dos empresários inquiridos, respectivamente, admitindo uma degradação do horizonte profissional a médio prazo. A estabilidade encontra-se também no Ribatejo e Oeste, com um peso relativo de 27% dos empresários (127 explorações).

A relação entre o pessimismo e o optimismo é acentuado em todas as regiões, mas com maior peso na Madeira e Entre Douro e Minho com cerca de 8.9 e 7.3 pessimistas por cada optimista. Todas as restantes apresentam valores sucessivamente inferiores até ao valor de 2.9 vezes, que se encontra nos Açores, tornando aquela região, relativamente na mais optimista.

Relativamente aos grupos etários considerados, verifica-se que na classe do extremo inferior se encontram níveis de resposta ligeiramente menos pessimistas, obtendo valores de 4.1 quando relacionados o número de empresários pessimistas com os optimistas. A classe com 40 a 50 anos obteve um valor de cerca de 4.3, sendo os mais pessimistas os empresários pertencentes à classe entre 50 e 60 anos, com 7.8, voltando a diminuir para 5.6 na classe mais velha.

Quadro 3.5.1 - Futuro da profissão de agricultor, por Grupo Etário

GRUPO ETÁRIO	PIOR		IGUAL		MELHOR		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	276	29	154	33	68	36	498	31
40 a <=50 ANOS	221	23	118	25	52	27	391	24
50 a <=60 ANOS	204	22	89	19	26	14	319	20
> 60 ANOS	247	26	107	23	44	23	398	25
TOTAL	948	100	468	100	190	100	1606	100

Na relação entre as diversas classes de SAU, o pessimismo diminui com o crescimento da dimensão física, com 6, 5 e 4 vezes, com excepção da classe de mais de 50 ha que tem um valor superior ao de classe imediatamente inferior, com 5 empresas pessimistas para uma optimista.

As perspectivas profissionais de médio prazo diferem sensivelmente ao se considerarem diferentes orientações produtivas. As explorações de Bovinos são aquelas onde se verificam perspectivas relativamente mais optimistas, sendo as empresas de Grandes Culturas e de Culturas Permanentes as mais pessimistas quanto ao futuro próximo.

A decomposição das respostas por classe de Dimensão Económica da actividade das empresas mostra que a relação entre o pessimismo e o optimismo oscila entre 5.4 e 3.9 vezes, flutuando quer em subidas, quer em descidas, sendo estas mais pronunciadas, descendo o valor ligeiramente com o aumento da dimensão das empresas.

Dentro de cada classe de dimensão económica a relação entre as respostas pior/melhor indica-nos que a classe menos pessimista é a de mais de 40 UDE com 3.9, seguida da de 8 a 16 UDE, com 4.8, e, por último, as classes de menos de 4, de 16 a 40 e de 4 a 8 UDE (com 5.2, 5.3 e 5.4, respectivamente).

Quadro 3.5.2 - Perspectiva de médio prazo para a actividade agrícola, por classe de

Dimensão Económica (UDE)

Classes: UDE	PIOR		IGUAL		MELHOR		TOTAL	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<4 UDE	131	14	70	15	25	13	226	14
4 a <8 UDE	199	21	95	20	37	20	331	21
8 a < 16 UDE	279	29	145	31	58	30	482	30
16 a < 40 UDE	254	27	119	25	48	25	421	26
>= 40 UDE	85	9	39	8	22	12	146	9
TOTAL	948	100	468	100	190	100	1606	100

Relativamente às perspectivas dos empresários contidos em cada um dos níveis de Rendibilidade considerados neste estudo, mostra que a distribuição das respostas repartem-se de modo quase uniforme pelas três classes, com alguma incidência na manutenção do actual quadro nas duas classes de nível mais baixo. Verifica-se, contudo, um mais elevado grau de pessimismo no nível de Rendibilidade superior, seguida da inferior, sendo a classe de nível intermédio a menos pessimista .

3.6- As principais dificuldades mais sentidas pelo agricultor

Pretendeu-se averiguar quais as principais dificuldades sentidas pelos empresários inquiridos, admitindo-se, apenas, a referência da mais importante. Tratando-se de uma pergunta aberta, após análise das respostas constituíram-se cinco grandes grupos de dificuldades: Socio-políticas, Agro-climáticas, Economia Global e dificuldades internas da Empresa, as quais, pelo elevado número de questões assinaladas, deram origem à criação de outros dois tipos de dificuldades, designadamente nos aspectos ligados ao funcionamento Económico da empresa e dificuldades de natureza Estrutural.

Genericamente, as dificuldades de Economia Global foram as mais referenciadas, com 57% das respostas, seguidas dos bloqueamentos de natureza Estrutural das empresas, com apenas 17%. Por ordem decrescente de importância, surgiram a Situação Socio-política, a Situação Económica da empresa e os factores Agro-climáticos, com 9.3%, 8.8 e 8.2% das respostas, respectivamente para a primeira dificuldade. De salientar, que cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.

As dificuldades sentidas em cada uma das classes etárias consideradas mostra que há um certo peso relativo no grupo com mais de 60 anos para a situação Socio-política e de funcionamento da empresa, assim como da classe mais jovem para as condições da economia, quer em geral quer da Empresa e neste caso juntamente com a classe de 50 a 60 anos. Os mais idosos e os de 40 a 50 anos também referem as condições Agro-climáticas.

Quadro 3.6.1- Principais dificuldades por classe etária

GRUPO ETÁRIO	socio-político		agro-climático		economia empresa		economia global		estrutura empresa		total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 40 ANOS	41	28	34	26	49	35	289	32	74	28	487	31
40 a <=50 ANOS	32	22	36	28	37	27	224	25	59	22	388	24
50 a <=60 ANOS	24	16	23	18	21	15	192	21	50	19	310	20
> 60 ANOS	50	34	36	28	32	23	193	22	85	32	396	25
TOTAL	147	100	129	100	139	100	898	100	268	100	1581	100

As dificuldades sentidas por classes de SAU mostram-nos que há maior incidência na classe de menor dimensão física das empresas relativamente à situação Socio-política como também com as duas classes de maior dimensão, que por sua vez referem-se às condições Agro-climáticas e da economia da Empresa. As dificuldades de Economia Global, possuem maior ênfase nas duas classes de menor dimensão. As dificuldades que resultam de limitações resultantes da Estrutura da empresa são mais insistentemente referidas pela classe de 20 a 50 ha de SAU.

Quadro 3.6.2 - Principais dificuldades por classe de área (SAU)

DIMENSÃO FÍSICA (SAU)	socio-político		agro-climático		economia empresa		economia global		estrutura empresa		total	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
<= 5 ha	53	36	18	14	32	23	312	35	91	34	506	32
5 a <=20 ha	51	35	42	33	58	42	376	42	113	42	640	40
20 a <=50 ha	21	14	31	24	28	20	102	11	38	14	220	14
> 50 ha	22	15	38	30	21	15	108	12	26	10	215	14
TOTAL	147	100	129	100	139	100	898	100	268	100	1581	100

O conjunto de questões de natureza Socio-política são referidas, com alguma insistência pelas explorações predominantemente orientadas para as Culturas Permanentes, Grandes Culturas e Horticultura. As dificuldades de natureza Agro-climática possuem expressão considerável nas explorações orientadas para Bovinos, Ovinos, Policultura e nas diversificações Agro-pecuárias. Os aspectos decorrentes de limitações da economia da Empresa são especialmente levantadas pelos empresários responsáveis por empresas orientadas para a produção de Grandes Culturas e Ovinos. Os aspectos de Economia Global, assumem grande peso nas empresas Hortícolas e Bovinos.

As dificuldades sentidas por classes de UDE mostram que apenas há ligeiras variações na importância dada aos aspectos que caracterizam o aspecto económico das Empresas por parte da classe central de dimensão económica e, também, na Estrutura da empresa nas classes de pequena/média dimensão económica e nestas duas o aspecto agro-climático também tem o seu peso. As dificuldades socio-políticas atingem as classes extremas de UDE.

Atendendo ao nível de Rendibilidade das empresas, verificam-se ligeiras diferenças entre as classes consideradas. As empresas consideradas rentáveis referem sobretudo dificuldades nas esferas Agro-climática e na estrutura das Empresas, enquanto que as não rentáveis insistem nas limitações resultantes da situação Estrutural. As de rendibilidade intermédias dividem-se entre as condições socio-Políticas e da situação económica da empresa.

4. Conclusões

A generalidade dos empresários agrícolas encontra-se bastante expectante sem manifestar grandes motivações para alterações no sistema de produção, quer a curto quer a médio prazo. Manifesta algum pessimismo quanto ao momento actual que se vive, pressentido um agravamento bastante acentuado das suas condições no futuro próximo. Contudo, há uma certa percentagem que pretende continuar a desenvolver as suas explorações, introduzindo-lhes alterações, prevendo assim um futuro mais optimista.

Quanto à intenção de modificação do actual sistema de produção no ano agrícola que decorre, das respostas obtidas foram apurados os valores de 3.4%, 12.7% e 83.91% dos inquiridos, respectivamente para a diminuição, o aumento e a manutenção do actual sistema de produção. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo para a generalidade dos sistemas produtivos; contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção seja no da expansão dos actuais sistemas produtivos.

O sentido imprimido a médio prazo para a exploração agrícola, foi retratado através de três principais opções, designadamente, a manutenção, a expansão e a retracção dos sistemas, tendo, cada uma delas, atingido globalmente valores de 81.9%, 12.4% e 5.7%, respectivamente. Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase que uniforme por todas as regiões.

Cerca de 86.4% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 11.8% dos empresários pretendem recorrer a fontes externas à exploração; apenas 1.8% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

O ano agrícola de 1997 em relação ao ano de 1996 foi considerado semelhante, mas com uma tendência relativamente pessimista para a generalidade dos produtores inquiridos, que com as opções “pior”, “igual” e “melhor” agregaram 39.0%, 47.1% e 13.9%, respectivamente.

Sobre a perspectiva da vida profissional nos próximos 2/3 anos, com as opções anteriormente referidas, 59.0% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 29% consideraram que o quadro geral irá manter-se e, apenas 11.8% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro. Ou seja, estes resultados, quando comparados com os da questão anterior denotam um certo agravamento da tendência pessimista já referida para o corrente ano.

As dificuldades de Economia Global foram as mais referenciadas, com 57% das respostas, seguidas dos bloqueamentos de natureza Estrutural das empresas, com apenas 17%, a Situação Socio-política e a situação económica da Empresa (com 9%) e os factores Agro-climáticos, com 8% das respostas respectivamente. De salientar, que cerca de 2% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.

ANEXO

Toda a informação foi cruzada para além do já descrito com outras variáveis. Neste anexo pretendemos de modo sucinto apresentar as características por região das situações que apresentaram maior frequência de dados.

Caracterização do agricultor que pretende alterar a sua exploração, quer através das actividades, quer da dimensão da empresa.

No que se refere à opção de -modificação pelo aumento-, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com maior intensidade, relativamente ao seu peso a nível nacional, na classe de Idade de 40 a 50 anos, assim como em termos de SAU, na classe de menor SAU, sendo essas empresas de Orientação Técnica para Bovinos e Policultura, com a Dimensão Económica compreendida entre mais de 4 a menos de 16 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pelas duas classes mais velhas, (com mais de 50 anos), estando as empresas situadas entre os 5 a 50 ha de SAU, com a OTE predominante de Culturas Permanentes e também de Policultura, de Dimensões Económicas entre 4 a 8 UDE e com mais de 40 UDE, e com o nível de Rendibilidade intermédio.

Para a Beira Litoral, a classe de idade com mais influência é de 40 a 50 anos, com a dimensão física de 5 a 20 ha de SAU, com orientação para Bovinos e Policultura, atingindo a menor Dimensão Económica e de forma não rendível.

A Beira Interior tem nas duas classes de Idade intermédias, o seu maior contributo, assim como na classe de maior SAU, de Orientação para os Ovinos, com a menor Dimensão Económica e nível de Rendibilidade fraco.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de Idade intermédias, com as duas classes de SAU de menor área, dividida por três OTE, como as Grandes Culturas, Horticultura e Culturas Permanentes, e de Dimensão Económica superior a 16 UDE e com o nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Para o Alentejo, é a classe mais velha que se encontra com o maior peso relativo, assim como a de maior SAU. As Orientações são as de Grandes Culturas, de Ovinos e de Agro-Pecuária, com a classe de maior Dimensão Económica e o nível de Rendibilidade alto.

No Algarve, as duas classes mais velhas de Idade contribuem mais, e a dimensão física encontra-se repartida entre menos de 5 ha e de 20 a 50 ha de SAU. A Horticultura é a Orientação dominante, com a maior Dimensão Económica e nível de Rendibilidade alto.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se igualmente nas classes mais jovens, na menor SAU, com a OTE de Horticultura e Pecuária sem Terra, com 4 a 8 UDE e nível intermédio de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, é a classe mais nova, que apresenta SAU compreendida entre 20 a 50 ha, com OTE de Bovinos e Agro-pecuária, com menos de 4, e de 8 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível alto de Rendibilidade.

No que se refere à opção de -modificação pela diminuição -, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com mais peso, nas classes de Idade de menos de 40 anos e com mais de 60 anos, na classe de menor SAU, sendo essas empresas de Orientação Técnica para Agro-Pecuária e Policultura, com a Dimensão Económica compreendida de menos de 4 a 8 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco.

Em Trás os Montes, os agricultores encontram-se todos bastante optimistas, não havendo nenhuma opinião canalizada para a diminuição da empresa.

Para a Beira Litoral, a classe de Idade com mais influência é de 50 a 60 anos, com a dimensão física de menos de 5 ha de SAU, com Orientação para Ovinos e Agro-Pecuária, atingindo a Dimensão Económica de 4 a 8 UDE e de forma não rendível.

A Beira Interior tem na classe de Idade de 40 a 50 anos, o seu maior contributo, assim como nas classes de 5 a 20 ha e de maior SAU, de Orientação para os Ovinos, com as duas maiores Dimensões Económicas e nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de Idade mais jovens, com as duas classes intermédias de SAU, dividida por três OTE, como as Grandes Culturas, Horticultura e Culturas Permanentes, e de Dimensão Económica de 16 a 40 UDE e com os níveis de Rendibilidade fraco e alto.

Para o Alentejo, são as duas classes mais velhas que se encontram com o maior peso relativo, assim como as duas classes de maior SAU. As Orientações são as de Grandes Culturas, de Ovinos, de Policultura e de Pecuária sem terra, com a classe de 16 a 40 UDE de Dimensão Económica e o nível de Rendibilidade de intermédio a alto.

No Algarve, a classe mais velha contribui mais, e a dimensão física encontra-se na classe de menos de 5 ha de SAU. A Horticultura é a Orientação dominante, com a Dimensão Económica de 16 a 40 UDE e com o nível de Rendibilidade intermédio.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se na classe de 50 a 60 anos, na menor SAU, com a OTE de Culturas Permanentes, com menos de 4 UDE e o nível fraco de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, é a classe mais nova, que apresenta SAU compreendida entre 5 a 50 ha, com OTE de Bovinos, com 8 a 16 UDE de Dimensão

Económica e com o nível intermédio de Rendibilidade.

Algumas indicações das empresas selecionadas no que se refere à expansão e retracção a médio prazo.

No que se refere à opção de -alteração a médio prazo no sentido da expansão-, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com maior peso, na classe de Idade de 40 a 50 anos, assim como na classe de menor SAU, sendo essas empresas de Orientação Técnica para Bovinos e Policultura, com a Dimensão Económica compreendida entre mais de 4 a menos de 16 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pelas duas classes mais velhas, (com mais de 50 anos), estando as empresas situadas entre os 20 a 50 ha, com a OTE predominante de Culturas Permanentes e também de Policultura, de Dimensão Económica com mais de 16 UDE, com nível de Rendibilidade intermédio.

Para a Beira Litoral, a classe de Idade que mais influência é de 40 a 50 anos, com dimensão física de 5 a 20 ha de SAU, com Orientação para Bovinos e Agro-Pecuária, atingindo a Dimensão Económica de 4 a 16 UDE, e com nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

A Beira Interior tem nas duas classes de Idade intermédias, o seu maior contributo, assim como nas duas classes de maior SAU, de Orientação para os Ovinos e Culturas Permanentes, com as duas classes de menor Dimensão Económica e nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de Idade mais velhas, com as duas menores classes de SAU, dividida por várias OTE, como as Grandes culturas, Horticultura e Culturas Permanentes, como também Pecuária sem terra e Policultura, de Dimensão Económica superior a 16 UDE e com o nível de Rendibilidade alto.

Para o Alentejo, é a classe mais velha que se encontra com o maior peso relativo, assim como a de maior SAU. As Orientações são as de Grandes Culturas, de Ovinos e de Agro-Pecuária, com as classes extremas da Dimensão Económica e as classes de nível de Rendibilidade quer baixo quer alto.

No Algarve, a classe mais velha de Idade contribui mais, e a dimensão física encontra-se na classe de menos de 5 ha de SAU. A Horticultura e a Policultura são as Orientações dominantes, com a menor classe de UDE e também com a de 16 a 40 UDE de Dimensão Económica e nível de Rendibilidade intermédio a alto.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se igualmente nas duas classes mais jovens, na menor SAU, com a OTE de Horticultura e Pecuária sem Terra, com 4 a 8 UDE e nível intermédio de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, é a classe mais nova, que apresenta SAU compreendida entre 20 a 50 ha, com OTE de Bovinos, com 8 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível alto de Rendibilidade.

No que se refere à opção de -alteração a médio prazo no sentido da retracção-, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com maior peso, nas classes de Idade de 40 a 50 anos e mais de 60, assim como na classe de menor SAU, sendo essas empresas de Orientação Técnica para Bovinos, Agro-Pecuária e Policultura, com a Dimensão Económica compreendida entre menos de 4 a menos de 8 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pela classe de 50 a 60 anos, estando as empresas situadas entre os 20 a 50 ha, com a OTE predominante de Culturas Permanentes e também de Policultura, de Dimensão Económica de 4 a 8 UDE e com mais de 40 UDE, com nível de Rendibilidade intermédio.

Para a Beira Litoral, as classes de Idade que mais influenciam são as de 40 a 50 anos, e de mais de 60 anos, com dimensão física de menos de 5 ha de SAU, com Orientação para Horticultura, Ovinos e Agro-Pecuária, atingindo a Dimensão Económica de menos de 4 a 8 UDE, e com nível de Rendibilidade intermédio.

A Beira Interior tem nas duas classes de Idade extremas, o seu maior contributo, assim como nas duas classes de maior SAU, de Orientação para os Ovinos, Culturas Permanentes, Agro-Pecuária e Policultura, com as duas classes de maior Dimensão Económica e nível de Rendibilidade intermédio.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de Idade mais jovens, com a classe de 5 a 20 ha de SAU, dividida por três OTE, como as Grandes culturas, Horticultura, Culturas Permanentes e Pecuária sem terra, e de Dimensão Económica de 16 a 40 UDE, e com o nível de Rendibilidade baixo.

Para o Alentejo, são as classes mais velhas que se encontra com o maior peso relativo, assim como a de maior SAU. As Orientações são as de Grandes Culturas, de Ovinos, Pecuária sem terra e de Policultura, com as classes da Dimensão Económica situadas entre 8 a 16 UDE e mais de 60 UDE e a classe de nível de Rendibilidade alto.

No Algarve, as duas classes mais velhas de Idade contribuem mais, e a dimensão física encontra-se na classe de menos de 5 ha de SAU. A Horticultura é a Orientação dominante, com as duas classes de maior UDE, com mais de 16 UDE de dimensão económica e nível de Rendibilidade alto.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se na classe de Idade de 50 a 60 anos, de menor SAU, com a OTE de Culturas Permanentes, com menos de 4 UDE e nível fraco de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, participam todas as classes de Idade com excepção de 50 a 60 anos, que apresentam SAU com mais de 5 ha, com OTE de Bovinos, com Dimensão Económica variada, de menos de 4 UDE, de 8 a 16 e com mais de 40 UDE, com o nível intermédio de Rendibilidade.

Caracterização do agricultor que pretende complementar as suas fontes de rendimentos com rendimentos provenientes do exterior da empresa.

No que se refere a opção de - busca de rendimentos complementares FORA da exploração agrícola -, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com maior peso, na classe de Idade de menos de 40 a 50 anos, assim como, na classe de menor SAU, sendo essas empresas de Orientação Técnica para Bovinos, Policultura e Agro-Pecuária, com a Dimensão Económica compreendida entre menos de 4 a 8 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pelas duas classes mais velhas, (com mais de 50 anos), estando as empresas situadas entre os 20 a 50 ha, com a OTE predominante de Grandes Culturas e também de Policultura, de Dimensão Económica entre 4 a 8 UDE, com nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Para a Beira Litoral, a classe de Idade com mais influência é de mais de 60 anos, com dimensão física de menos de 5 ha de SAU, com orientação para Ovinos, Pecuária sem terra e Policultura, atingindo três classes de menor Dimensão Económica e de forma não rendível a intermédio.

A Beira Interior tem nas duas classes de Idade mais jovens, o seu maior contributo, assim como nas duas classes de maior SAU, de Orientação para os Ovinos, Agro-Pecuária e Culturas Permanentes, com a Dimensão Económica entre 8 a 16 UDE e mais de 40 UDE e nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada por duas classes de Idade, quer da mais jovem, quer da com 50 a 60 anos, com as duas classes de SAU de 5 a 50 ha, dividida por três OTE, como as Grandes Culturas, as Culturas Permanentes e Pecuária sem terra, e de Dimensão Económica superior a 8 UDE e com o nível de Rendibilidade alto.

Para o Alentejo, são as classes de 40 a 50 anos e a mais velha, que se encontram com o maior peso relativo, assim como as duas classes de maior SAU. As Orientações são as de Grandes Culturas e Policultura, com três classes de Dimensão Económica: as duas classes de maior dimensão, (mais de 16 UDE), assim como a classe de menor dimensão económica e o nível de Rendibilidade alto.

No Algarve, a classe de 50 a 60 anos de Idade contribui mais, e a dimensão física encontra-se na classe de menos de 5 ha de SAU. A Horticultura é a Orientação

dominante, com as duas classes de maior Dimensão Económica e nível de Rendibilidade alto.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se na classe mais velha, na menor SAU, com a OTE de Horticultura, com 8 a 16 UDE e nível intermédio de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, é a classe mais nova, que apresenta SAU compreendida entre 5 a 20 ha, com OTE de Bovinos, com 8 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível intermédio a alto de Rendibilidade.

No que se refere a opção de -busca de rendimentos complementares DENTRO da exploração agrícola-, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com as classes de Idade de 40 a 60 anos, assim como a classe de 5 a 20 ha de SAU, sendo essas empresas de Orientação Técnica para Bovinos e Ovinos, com a Dimensão Económica compreendida entre menos de 4 a 16 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pelas duas classes mais velhas, (com mais de 50 anos), estando as empresas situadas entre os 5 a 50 ha, com a OTE de Grandes Culturas e Ovinos, de Dimensão Económica entre 8 a 40 UDE, com nível de Rendibilidade intermédio a alto.

Para a Beira Litoral, as classes de idade com mais influência são de 40 a 50 anos e de mais de 60 anos, em todas as dimensões físicas com excepção da classe de maior SAU, com Orientação para Bovinos, Ovinos e Agro-Pecuária, atingindo todas as classes de Dimensão Económica com excepção de 16 a 40 UDE e de forma não rendível a intermédio.

A Beira Interior tem nas duas classes de Idade, quer na mais jovem, quer na de 50 a 60 anos, o seu maior contributo, assim como nas duas classes intermédias de SAU, de Orientação para as Culturas Permanentes e Agro-Pecuária, com a Dimensão Económica de menos de 4 UDE e de 16 a 40 UDE e nível de Rendibilidade intermédio.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pela classe mais jovem, com a menor SAU, dividida por três OTE, como as Grandes Culturas, a Horticultura e as Culturas Permanentes, de Dimensão Económica de menos de 4 a 8 UDE e com mais de 40 UDE e com o nível de Rendibilidade quer fraco quer alto.

Para o Alentejo, são as classes de menos de 40 anos e de 50 a 60 anos, que se encontram com o maior peso relativo, assim como a classe de maior SAU. As Orientações são as de Grandes Culturas, Bovinos e Agro-Pecuária, com as duas classes de maior Dimensão Económica e o nível de Rendibilidade alto.

No Algarve, a procura de rendimentos complementares dentro da exploração não é uma situação que os agricultores pretendam utilizar actualmente.

Na Região Autónoma da Madeira, as classes de menos de 40 anos e de 50 a 60 anos de Idade contribuem mais, e a dimensão física encontra-se na classe maior de SAU, com a OTE de Horticultura, com 8 a 16 UDE e nível intermédio de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, é a classe mais velha, que apresenta SAU compreendida entre 20 a 50 ha, com OTE de Bovinos, com 8 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível alto de Rendibilidade.

Algumas sugestões para o delineamento do perfil do agricultor.

No que se refere da opção de -ano de 1997 relativamente ao de 1996 pelo pessimismo assumido -, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com maior valor, nas classes de Idade com mais de 40 anos, como também em termos de SAU, na classe de menor SAU, sendo essas empresas de orientação técnica para Bovinos, Policultura e Agro-Pecuária, com a Dimensão Económica compreendida entre menos de 4 até 8 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pela classe mais velha, estando as empresas situadas entre os 20 a 50 ha, com a OTE predominante de Culturas Permanentes e também de Policultura, de dimensão económica de menos 4 UDE e de 16 a 40 UDE e com nível de Rendibilidade intermédio.

Para a Beira Litoral, as classes de idade com mais influência são as com mais de 50 anos, com dimensão física de menos 5 a 20 ha de SAU, com a orientação técnica para Bovinos, Ovinos e Agro-Pecuária, atingindo as classes de dimensão económica, de menos 4 a 16 UDE, e de Rendibilidade intermédio.

A Beira Interior tem nas duas classes de idade mais jovens, o seu maior contributo, assim como nas duas classes de maior SAU, de orientação para as Culturas Permanentes, os Ovinos e Agro-Pecuária, com a dimensão económica de 8 UDE a 40 UDE e nível de Rendibilidade intermédio.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de idade mais jovens, com a classe de 5 a 20 ha de SAU, dividida por várias OTE, como as Grandes Culturas, Horticultura, Culturas Permanentes, Pecuária sem terra e Policultura, e de dimensão económica superior a 16 UDE e com o nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Para o Alentejo, é a classe mais velha que se encontra com o maior peso relativo, assim como a de maior SAU. As orientações são as de Grandes Culturas, de Ovinos, Pecuária sem terra e de Agro-Pecuária, com as duas classes de maior dimensão económica e o nível de Rendibilidade alto.

No Algarve, as duas classes intermédias de idade contribuem mais, e a dimensão física encontra-se na classe de 20 a 50 ha de SAU. A Horticultura e as Culturas Permanentes são as orientações dominantes, com a maior dimensão económica e nível de Rendibilidade alto.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se igualmente nas duas classes de idade mais jovens, na menor SAU, com a OTE de Horticultura, Culturas Permanentes e Pecuária sem Terra, com menos de 4 UDE, e nível fraco de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, são as três classes de idade: de menos de 40 anos até 60 anos, que apresenta SAU compreendida entre 5 a 50 ha, com OTE de Bovinos, com 8 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível alto de Rendibilidade.

No que se refere da opção de - ano de 1997 relativamente ao de 1996 pelo optimismo assumido -, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com maior intensidade, na classe de Idade de 40 a 50 anos, assim como em termos de SAU, nas duas classes de menor SAU, sendo essas empresas de orientação técnica para Bovinos e Policultura, com a Dimensão Económica compreendida entre menos de 4 a menos de 16 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pela classe mais velha, estando as empresas situadas entre os 5 a 50 ha, com a OTE predominante de Culturas Permanentes e também de Policultura, de dimensão económica de menos de 4 e de 16 a 40 UDE e com nível de Rendibilidade intermédio.

Para a Beira Litoral, as classes de idade com mais influência são as de mais de 50 anos, com dimensão física de menos 5 a 20 ha de SAU, com orientação para Culturas Permanentes, Bovinos e Ovinos, atingindo duas classes de dimensão económica, de 4 até 16 UDE, e de Rendibilidade fraco.

A Beira Interior tem nas duas classes de idade, quer na mais jovem, quer na mais velha, o seu maior contributo, assim como nas duas classes SAU, com 5 a 50 ha, de orientação para as Culturas Permanentes, os Ovinos e Policultura, com a dimensão económica de 4 a 8 UDE e de 16 a 40 UDE e nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de idade mais jovens, com as classes de menos de 5 a 20 ha de SAU, dividida por três OTE, como as Grandes Culturas, Horticultura e Culturas Permanentes e de dimensão económica superior a 16 UDE e com o nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Para o Alentejo, são as duas classes mais velhas que se encontram com o maior peso relativo, assim como as duas classes de maior SAU. As orientações são as de Grandes Culturas, de Ovinos e de Agro-Pecuária, com as três classes de maior

dimensão económica e o nível de Rendibilidade alta.

No Algarve, a melhoria em relação ao passado recente não foi perspectivado por nenhum agricultor.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se igualmente nas duas classes de idade mais jovem, na menor SAU, com a OTE de Horticultura e Agro-Pecuária, com menos de 4 UDE a 8 UDE e nível fraco a intermédio de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, são as classes de menos de 40 anos até 60 anos, que apresenta SAU compreendida entre 5 a 50 ha, com OTE de Bovinos e com 4 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível alto de Rendibilidade.

Algumas características do empresário em estudo.

No que se refere da opção de -perspectivas de médio prazo com pessimismo-, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com maior intensidade, na classe de Idade de 40 a 50 anos, assim como em termos de SAU, na classe de menor SAU, sendo essas empresas de orientação técnica para Bovinos, Policultura e Agro-Pecuária, com a Dimensão Económica compreendida entre menos de 4 a menos de 8 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pelas duas classes mais velhas, (com mais de 50 anos), estando as empresas situadas entre os 5 a 50 ha, com a OTE predominante de Culturas Permanentes e Policultura, de dimensão económica entre de menos de 4 UDE e com mais de 16 UDE, com nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Para a Beira Litoral, as classes de idade com mais influência são com mais de 50 anos, com dimensão física de menos de 5 a 20 ha de SAU, com orientação para Grandes Culturas, Ovinos, Agro-Pecuária e Pecuária sem terra, atingindo a menor dimensão económica e de forma não rendível a intermédio.

A Beira Interior tem na classe de idade mais jovem, o seu maior contributo, assim como nas classes de maior SAU, de orientação para os Ovinos e Agro-Pecuária, com a menor dimensão económica e nível de Rendibilidade intermédia.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de idade mais jovens, com as classes de SAU de 5 a 50 ha, dividida por várias OTE, como as Grandes Culturas, Horticultura e Culturas Permanentes, Pecuária sem terra e Policultura, de dimensão económica superior a 16 UDE e com o nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Para o Alentejo, são nas duas classes mais velhas que se encontram o maior peso relativo, assim como as duas classes de maior SAU. As orientações são as de Grandes Culturas, de Ovinos e de Agro-Pecuária, com a classe de maior dimensão económica e o

nível de Rendibilidade alta.

No Algarve, as três classes mais velhas de idade contribuem, e a dimensão física encontra-se repartida entre menos de 5 ha e de 20 a 50 ha de SAU. A Horticultura e as Culturas Permanentes são as orientações dominantes, com as duas classes de maior dimensão económica e nível de Rendibilidade alto.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se igualmente nas duas classes mais jovens, na menor SAU, com a OTE de Horticultura e Culturas Permanentes, com menos de 4 a 8 UDE e de 16 a 40 UDE, com nível alto de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, são nas três classes de idade mais novas, que apresentam SAU compreendida entre 5 a 20 ha, com OTE de Bovinos, com 8 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível alto de Rendibilidade.

No que se refere da opção de- perspectiva de médio prazo com optimismo -, temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui com maior peso, nas classes de Idade de 40 a 50 anos e mais de 60 anos, assim como nas duas classes de menor SAU, sendo essas empresas de orientação técnica para Bovinos, Pecuária sem terra e Agro-Pecuária, com a Dimensão Económica compreendida entre menos de 4 a menos de 16 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pela classe mais velha, estando as empresas situadas entre os 5 a 50 ha, com a OTE predominante de Culturas Permanentes e também de Policultura, de dimensão económica de menos de 4 e de 16 a 40 UDE e com nível de Rendibilidade intermédia.

Para a Beira Litoral, as classes de idade com mais influência são as de menos de 40 anos e de 50 a 60 anos, com dimensão física de menos 5 a 20 ha de SAU, com orientação para Bovinos, Ovinos, Policultura, Pecuária sem terra e Agro-Pecuária atingindo duas classes de dimensão económica, de 4 até 16 UDE, e de Rendibilidade fraco.

A Beira Interior tem nas classes de idade de 40 a 50 anos e da mais velha, o seu maior contributo, assim como nas duas classes SAU, com 5 a 50 ha, de orientação para as Culturas Permanentes, os Ovinos e Policultura, com a dimensão económica de 4 a 8 UDE e de 16 a 40 UDE e nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de idade intermédias, com as classes de menos de 5 a 20 ha de SAU, dividida por três OTE, como as Grandes Culturas, Horticultura e Culturas Permanentes e de dimensão económica superior a 16 UDE e com o nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

Para o Alentejo, são as duas classes mais velhas que se encontram com o maior peso relativo, assim como as duas classes de maior SAU. As orientações são as de

Ovinos e de Policultura, com as três classes de maior dimensão económica e o nível de Rendibilidade alto.

No Algarve, é a classe mais velha de idade que contribui, e a dimensão física encontra-se em menos de 5 ha de SAU. A Horticultura e as Culturas Permanentes são as orientações dominantes, com as duas classes de maior dimensão económica e nível de Rendibilidade alto.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se igualmente nas duas classes de idade mais jovem, na menor SAU, com a OTE de Horticultura e Pecuaria sem terra, com menos de 4 UDE a 8 UDE e nível fraco a intermédio de Rendibilidade.

Para a Região Autónoma dos Açores, são as classes de menos de 40 anos até 50 anos, que apresenta SAU compreendida entre 20 a 50 ha, com OTE de Bovinos e com 4 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível alto de Rendibilidade.

As dificuldades sentidas, nos casos com mais impacto.

No que se refere a situação Socio-Politica temos:

Para a Beira Litoral, as classes de Idade com mais influência são com mais de 40 anos, com dimensão física de menos de 5 a 20 ha de SAU, com Orientação para Grandes Culturas, Bovinos, Agro-Pecuária e Pecuária sem terra, atingindo as três classes de menor Dimensão Económica e de forma não rendível a intermédio.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se na classe mais jovem, na menor SAU, com a OTE de Horticultura, com menos de 4 UDE e nível intermédio de Rendibilidade.

No que se refere a situação Agro-climática temos:

Para o Alentejo, são nas classes de 40 a 50 anos e na mais velha que se encontram o maior peso relativo, assim como as duas classes de maior SAU. As orientações são as de Grandes Culturas, de Policultura e de Agro-Pecuária, com as duas classes de maior Dimensão Económica e o nível de Rendibilidade alto.

Para a Região Autónoma dos Açores, são nas três classes de Idade mais novas, que apresentam SAU compreendida entre 5 a 20 ha, com OTE de Bovinos, com 4 a 16 UDE de Dimensão Económica e com o nível alto de Rendibilidade.

No que se refere a situação Económico da empresa temos:

Para a Beira Litoral, as classes de idade com mais influência são com mais de 50 anos, com dimensão física de menos de 5 a 20 ha de SAU, com Orientação para Ovinos e Agro-Pecuária, atingindo as duas classes de menor Dimensão Económica e de forma não rendível a intermédio.

Para o Alentejo, são nas classes de mais de 50 anos que se encontram o maior peso relativo, assim como as duas classes de maior SAU. As Orientações são as de Grandes Culturas, Pecuária sem terra e de Agro-Pecuária, com 8 a 16 UDE e de maior Dimensão Económica e o nível de Rendibilidade intermédio a alto.

No Algarve, as três classes mais velhas de Idade contribuem, e a dimensão física encontra-se repartida entre menos de 5 ha e de mais de 20 ha de SAU. A Horticultura e as Culturas Permanentes são as Orientações dominantes, com as duas classes de menor e maior Dimensão Económica e nível de Rendibilidade alto.

No que se refere a situação da Economia Global temos:

Na região do Ribatejo e Oeste, a maior representação é dada pelas duas classes de Idade mais jovens, com as classes de SAU de menos 5 a 20 ha, dividida por várias OTE, como as Grandes culturas, Horticultura e Culturas Permanentes, Pecuária sem terra e Policultura, de Dimensão Económica superior a 16 UDE e com o nível de Rendibilidade fraco a intermédio.

No que se refere a situação Estrutural da empresa temos:

A região de Entre Douro e Minho contribui nas três classes de Idade com mais de 40 anos, na classe de menor SAU, sendo essas empresas de Orientação Técnica para Bovinos, Policultura e Agro-Pecuária, com a Dimensão Económica compreendida entre menos de 4 a menos de 8 UDE e tendo por nível de Rendibilidade fraco.

Em Trás os Montes, a participação mais acentuada é dada pelas duas classes mais velhas, (com mais de 50 anos) e da mais nova, estando as empresas situadas entre os 5 a 20 ha, com a OTE predominante de Culturas Permanentes, de Dimensão Económica entre 4 a 8 UDE e com mais de 40 UDE, com nível de Rendibilidade intermédio.

A Beira Interior tem nas duas classes mais velhas, (com mais de 50 anos) e na classe de idade mais jovem, o seu maior contributo, assim como nas três classes de maior SAU, de Orientação para os Ovinos, com a Dimensão Económica de 4 a 16 UDE, e nível de Rendibilidade fraco e alto.

Na Região Autónoma da Madeira, distribui-se igualmente nas duas classes mais jovens, na menor SAU, com a OTE de Horticultura e Culturas Permanentes, com menos de 4 a 8 UDE e de 16 a 40 UDE, com nível intermédio de Rendibilidade.